

RECORTE – revista eletrônica**ISSN 1807-8591****Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR****V. 12 - N.º 1 (janeiro-junho - 2015)**

CARTOGRAFIAS URBANAS: LITERATURA E EXPERIÊNCIA URBANA NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA

Luciana Nascimento¹

RESUMO: O espaço urbano foi uma das grandes inovações de fins do século XIX. O espetáculo das ruas, as novas formas de sociabilidade e o imaginário civilizador, portador de ideias de progresso e da crença na modernidade, na técnica e na ciência, suscitaram inúmeras leituras desse novo espaço, tanto por parte dos seus planejadores, políticos, médicos como também dos seus escritores, tanto na Europa como em outras partes do mundo. A literatura de fins do século XIX/início do século XX tematizou as ruas, os personagens anônimos, lançando diferentes olhares sobre as cidades, na incessante busca de lê-las como mapas textuais. Nesse sentido, propomos, neste trabalho realizar uma leitura de algumas das crônicas de Lima Barreto, Olavo Bilac e Figueiredo Pimentel, como representativas do período da *Belle Époque* carioca, momento esse em que a sociedade busca um ideal de progresso, não obstante, uma boa parte dos intelectuais estivesse debatendo as questões sociais e as contradições de nossa “modernidade de empréstimo” (BERMAN). Angel Rama, em *Cidade das Letras*, afirma que as cidades desenvolvem uma linguagem, abrangendo dois espaços sobrepostos: o físico, que o caminhante percorre até perder-se na sua travessia e o simbólico que reordena e relê a cidade. (RAMA, 1985). Que cartografia simbólica do Rio de Janeiro nos traçam os cronistas em seus textos produzidos para a imprensa?

PALAVRAS CHAVE: crônica, modernidade, literatura

ABSTRACT: The Urban space was one of the greatest innovations of the late nineteenth century. The spectacle of the streets, the new forms of sociability and the imaginary civilization, which represented ideas of progress as well as the belief in modernity, technology and science, raised numerous interpretations of this new space by its planners, politicians, physicians and writers, both in Europe and in other countries around the world. The nineteenth/early twentieth century literature brought the streets, anonymous characters to the scene, printing different looks upon cities in the constant quest to read them as textual maps. In this sense, this paper aims at reading some of Lima Barreto's, Olavo Bilac's and Figueiredo Pimentel's chronicles as representative of the carioca Belle Époque period. Although a considerable part of the intellectuals were debating social issues and contradictions of our "loan modernity" (BERMAN), the Belle Époque is also a moment in which society sought for an ideal of progress. In the *City of Letters*, Angel Rama states that cities develop a language that include two overlapping spaces: the physical, which the traveler follows until getting lost in his crossing and the symbolic, which reorders and reread the city (RAMA, 1985). Which symbolic cartography of Rio de Janeiro do the chroniclers trace in the texts they produced for the press?

KEYWORDS: chronicle, modernity, literature.

Ao flanarmos pela cidade, construímos uma percepção pessoal que se cruza com a imagem pública da urbe. De acordo com Kevin Lynch, podemos encontrar a imagem da

¹ Este trabalho constitui recorte de nosso projeto, (cartografias Urbanas: Centros e margens) financiado por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq- Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (PQ2). Docente do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente Permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: zensansara@bol.com.br

cidade em seus leitores que escolhem pontos de referência para articular seu discurso. (LYNCH, 1982, p.20.)

Em *Cidades invisíveis*, de Italo Calvino, o narrador Marco Polo relata a Kublai Khan, Imperador dos Tártaros, as cidades que constrói a partir da memória. Ao descrever a Cidade de Zaíra, ele traça uma espécie de cartografia urbana, delineando as ruas, os degraus, os pórticos e as lâminas de zinco dos tetos. Mas além dessas descrições físicas, Polo afirma que “a cidade não é feita disso, mas de relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até o lampião, (...) o percurso do cortejo nupcial da rainha; (...) e o salto do adúltero que foge de madrugada.” (CALVINO, 2003, p.15). Ou seja, uma cidade comporta mais do que um projeto urbano, ela contém as vivências, as histórias e as tradições de seu povo, cujas marcas estão contidas nas ruas, nas esquinas, “nos ângulos retos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.” (CALVINO, 2003, p.15-16).

Um olhar sobre as cidades brasileiras que se modernizavam em fins do século XIX e início do século XX nos mostra a urbe como palco para a encenação do progresso nascente – que foi celebrado pela imprensa e pela literatura, em muitos momentos com entusiasmo – sendo a crônica um registro cotidiano de grande importância nesse período:

Trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal. [...] A crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito. (ARRIGUCCI, 1987, p. 51-53)

Esse escrever a vida da cidade se tornou possível exatamente pelo desenvolvimento da imprensa e pela profissionalização do escritor, por meio das novas funções que adquiriu a imprensa no século XIX. A junção das atividades de jornalista e escritor ocorreu a partir da última década do século XIX, com a mudança do papel da imprensa. De simples divulgadora de fatos econômicos e políticos, ela se tornou um espaço de cultura, de recepção de novas ideias e debates político-sociais, permitindo o “nascimento da crônica jornalística” (BRAYNER, 1979, p. 55). É no século XIX que esse novo gênero se consolidou no Brasil, constituindo um espaço dedicado ao comentário, ao entretenimento do dia-a-dia da cidade e do país, ocupando

a seção chamada de “folhetim”, que passou também a divulgar, paulatinamente, capítulos de obras literárias:

A crônica literária pode-se dizer que se iniciou no Brasil com José de Alencar, sob a forma de folhetim em rodapé, alternando com o romance-folhetim (...) Tal gênero de crônica consistia num mosaico de assuntos. O cronista percorria os assuntos do momento, numa revista jornalística, discutindo-os como simples homem de espírito, considerando-os mais em função da vida – expressões fugitivas do eterno e inconstante espetáculo do mundo. (BROCA, 1993, p.22)

A imprensa moderna contribuiu sobremaneira para a profissionalização do escritor – que até então não apresentava como ocupação principal o fazer literário – o que possibilitou um “diálogo entre a técnica literária e a disseminação de novas técnicas de imprensa, reprodução e difusão no país durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX” (SUSSEKIND, 1987, p. 24). Werneck Sodré afirma que, em fins do século XIX/início do século XX, os homens de letras abandonam o folhetim e passam à escrita da crônica, por meio de um jornalismo pautado do colunismo:

Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e os mundanos. Aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse estrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias. (SODRÉ, 1976, p. 339)

Os homens de letras ao relatarem os fatos hodiernos por meio da crônica estabeleceram as conexões entre o fato e a opinião, entrelaçando o real e o ficcional e atuando como testemunhas oculares da história, além de demarcarem a presença do literato no panorama cultural do início do século XX, no período denominado *Belle Époque*, no que concerne à produção literária veiculada nos jornais².

Os jornais e as revistas da época representavam as classes mais abastadas e cumpriam o papel de unificar os discursos políticos dominantes, além de auxiliar na criação de uma

² Os jornais com maior destaque foram *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*. As revistas que mais se destacaram foram *Fon Fon*, *O Malho*, *Kosmos*, *Floreal* e *Careta*, dentre outras. Cf. BARBOSA, 1996.

imagem de nação enquanto “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008), em vias de desenvolvimento e com forte apelo para o discurso do progresso e da modernidade. Dessa forma, um escritor como Olavo Bilac foi colaborador da Revista *Kosmos*, cujo perfil editorial afirmava a urbanidade moderna, a partir de costumes importados. O citado periódico demonstrava uma preocupação estética no aspecto visual *art nouveau*, publicando textos que expressavam os anseios de uma sociedade que tinha por objetivo atingir altos padrões de civilização, elegância e cultura. Em crônica de janeiro de 1905, Olavo Bilac expressou de forma clara que o periódico só publicaria o que fosse de bom tom:

As cousas tristes ou horripilantes, que houve durante o mez, não podem ter o seu commentario nas paginas da Kósmos. O mez foi uma vasta fermentação de escândalos, de desfalques, de denuncias, de exumações, de crimes, de desastres e de horrores. Nesse mar limoso e negro, ficou afogada toda a alegria das festas do fim do anno. E é melhor que a noticia de taes cousas fique apenas confiada ás columnas da imprensa diária — columnas de vida fugaz, lidas á pressa e logo esquecidas. Nestas paginas calmas, de arte e brandura, guardemos somente assumptos consoladores e nobres. (BILAC, 1905. Revista *Kosmos*, ano II, p. 3)

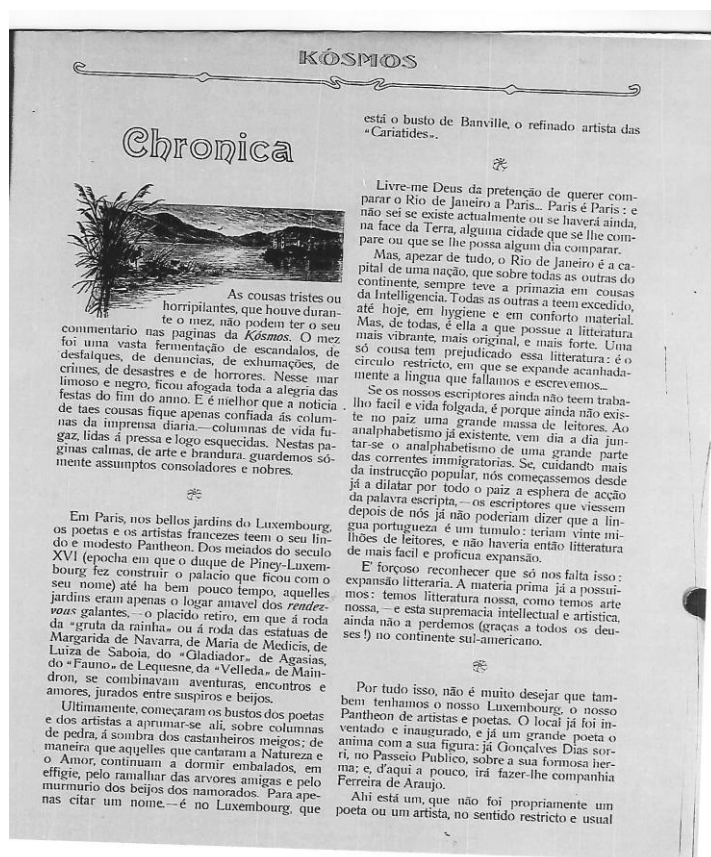


Figura 1 (Revista Kosmos, 1904)

Destaque-se que o panorama intelectual era heterogêneo, no qual atuavam desde os escritores sintonizados com os salões até as vozes dissonantes do coro de elogios à modernidade carioca, como bem enfatizou Brito Broca em *A vida literária dos 1900*. Vale ressaltar que a História dos primórdios da República é indissociável da História da cidade, pois ela exerce influência significativa sobre a vida cultural e social da urbe, especialmente no que diz respeito à Literatura:

O período de reajustamento político-social, que sucedeu à proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo, contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário. (BROCA, 1960, p. 20)

As imagens veiculadas sobre o Brasil no estrangeiro eram as piores possíveis e com a abertura do comércio e o intercâmbio do Brasil com a Europa, urgia modificar a paisagem da

velha cidade. Com a implantação do projeto urbanístico de Pereira Passos (1902-1906), o Rio de Janeiro tornou-se o palco primordial da encenação cultural da elite europeizada. Os paradigmas urbanísticos de circulação, higienização e ventilação determinavam uma nova reordenação topográfica. A abertura de amplas avenidas, o *bota-abaixo* do casario colonial, a crescente separação entre os redutos dos ricos e as zonas periféricas dos pobres estipulavam as ordenações da capital republicana, calcada na modernização do espaço público e no ideal de uma urbanidade cosmopolita. Assim, o Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX, era um marco de espaço urbano em que a pobreza e o luxo coexistiam. De acordo com Jeffrey D. Needell,

a *Belle Époque* carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão [...]. (NEEDELL, 1993, p. 39)

Enquanto Capital Federal, o Rio de Janeiro deveria transformar-se numa “Europa possível” e, ao mesmo tempo, corporificar um modelo de nacionalidade como porta de entrada e cartão postal do Brasil (NASCIMENTO, 2008. p. 68). No âmbito da cidade simbólica e permeando a construção imagística da cidade progressista da *Belle Époque*, despontavam as críticas dissidentes. Na ironia cortante das crônicas jornalísticas, a cidade harmônica e ideal do planejamento burguês é retratada como cenário de tensões sociais, trocas culturais e disputas, sendo o palco de grandes movimentos políticos e sociais.

O *bota-abaixo* resultou na total destruição de variadas propriedades, como casas comerciais e cortiços. As ordens de despejo criaram uma verdadeira febre de demolição que levou os cidadãos a protestos, diante do autoritarismo do governo. Situação semelhante à obrigatoriedade da vacina, as desapropriações eram embasadas num discurso cientificista, onde se tentava convencer os cidadãos de que suas casas estavam infectadas por bactérias. Com o objetivo de “civilizar” o Brasil, o então presidente da República – Rodrigues Alves (1902 – 1906) – concedeu ao prefeito Pereira Passos, que se tornou o Barão de Haussmann do Rio de Janeiro, totais poderes para transformar a velha cidade colonial em uma urbe moderna.

Tendo como pano de fundo a cidade, eclodem no Rio de Janeiro da *Belle Époque*, importantes movimentos sociais, como a Revolta da Vacina (1904) e a Revolta da Chibata (1910). A Revolta da Vacina representou uma ampla manifestação política que reivindicava a

solução de vários problemas urbanos, como a criação de redes de água e esgoto, e a presença de um ambiente em que não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e trabalho.

O discurso cientificista de fins do século XIX induzia muitos cidadãos a acreditarem que a vacina e a demolição dos cortiços seriam a solução para as mazelas sociais, as quais se tornavam uma ameaça à população abastada do Rio de Janeiro, já que as classes populares eram vistas como “classes perigosas”, conforme mostra Sidney Chalhoub:

[Havia um] lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver os segmentos sociais mais pobres como uma classe perigosa. (CHALHOUB, 1996, p. 8)

A aprovação da Lei da Vacina levou a população à revolta, a qual eclodiu no dia 10 de novembro de 1904, mas, posteriormente, o governo suspendeu sua obrigatoriedade. A imprensa da época registrou todo o evento, bem como seus desdobramentos. A crônica foi o gênero mais utilizado para a abordagem da revolta, constituindo, de acordo com Margarida Neves, um registro que nos revela “o tempo vivido.” (NEVES, 1995, p.15)

Vale ressaltar que as crônicas cariocas da *Belle Époque* foram o gênero literário mais recorrente no período no Rio de Janeiro, tendo como veículo de difusão os jornais, os quais discutiam fervorosamente a relação entre progresso e tradição. O tão almejado progresso estava aliado à transformação urbana e era entendido como inexorável, ao passo que o conceito de tradição trazia em seu bojo um alerta à consciência nacional para a preservação dos monumentos do passado, da memória e do patrimônio cultural da cidade.

O jornal *O Paiz*, em 13 de novembro de 1904, noticia o levante sob o título “Vaccinação obrigatória. As arruaças de ontem.” Já no dia 14 de novembro, o mesmo jornal noticia a revolta com detalhes, inserindo em seu subtítulo a ementa do que seria tratado no texto: “O dia de ontem. Arruaças, vaias e tiroteios. Bonds virados e incendiados. As providências do governo. A viação urbana suspensa. Os contingentes da polícia. Forças do exército. Auxílio da Marinha. Mortes de ferimentos. A cidade às escuras. Prisões. Várias notas.” Na *Gazeta de notícias*, de 20 de novembro de 1904, Olavo Bilac também publica uma crônica sobre a Revolta da Vacina:

Os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos (...) Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. (...).

Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz. (BILAC. *Gazeta de notícias*, 1904. n. 325, p. 1).



Figura 2 (Gazeta de Notícias, 1904)

Tanto no noticiário do jornal *O Paiz* como na crônica de Olavo Bilac, o objetivo foi esvaziar o caráter reivindicatório e político da Revolta da Vacina, o qual se opunha à vacinação obrigatória. De acordo com Magali Engel, o povo revoltado representado nas crônicas de Bilac foi caracterizado como vagabundo e desocupado, em oposição às classes laboriosas (ENGEL, 2005, p. 220). A Revolta da Vacina, na verdade, demonstrou o quanto o cotidiano da cidade estava desordenado, em face das reformas de Pereira Passos e da “modernização pelo alto” empreendida naquele momento. Conforme Nicolau Sevcenko, foi

por meio de um acontecimento catalisador (a vacinação compulsória), que os habitantes deram vazão aos seus descontentamentos endossando o movimento do quebra-quebra na cidade. Os alvos? Muitos dos elementos ou símbolos da remodelação desenhada pela administração Pereira Passos, ou,

por outros termos, quase tudo aquilo em que eles pudessem pressentir a presença do poder que os afligia nos seus menores sinais: na luz elétrica, nos jardins elegantes, nas estátuas, nas vitrines de cristal, nos bancos decorados dos parques, nos relógios públicos, nos bondes, nos carros, nas fachadas de mármore, nas delegacias, agências de correio e postos de vacinação, nos uniformes, nos ministérios e nas placas de sinalização. (SEVCENKO, 1984, p. 68)

Em crônica publicada na Revista *Kosmos*, Bilac tematiza a Revolta da Vacina e, na condição de intelectual-jornalista, ele demonstra sua preocupação com a nação e seu destino. De acordo com Magali Engel (2006), Bilac foi um intelectual que refletiu e pensou a sociedade de início do século XX. Sendo um sujeito oriundo das elites, ele defendia seu projeto de nação, o qual deveria se desenvolver sob uma ótica de classe dominante, dentro de uma modernização autoritária, de cima para baixo. Observe-se, no trecho da crônica de Bilac, como era feita a caracterização do povo:

As arruaças deste mês, nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas, vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos os católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos... E a gente humilde aceitará como verdade essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se preguem editais aniquilando a calúnia, e pouco importa que todos os jornais destruam a infâmia em artigos, em notícias, em anúncios: a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram e a sua revolta brutal e irresponsável continuará a servir de arma aos especuladores. No Rio de Janeiro, e em toda parte os analfabetos são legião. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive; não é homem, é um instrumento passível e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio. (BILAC. Revista *Kosmos*, 20 de nov. de 1904)

Nessa crônica cotidiana, o autor mostra um povo sem o domínio da leitura e da escrita, caracterizando-o como ingênuo, analfabeto e, dessa forma, facilmente manipulável. Em geral, suas descrições sobre a revolta da população que se opõe à campanha de vacinação trazem algumas marcas que dão os indícios da construção da profissão de repórter, pois descreve tudo o que está ao alcance de seus olhos de maneira informativa e opinativa. Bilac desenvolve um discurso cívico e o núcleo de seu texto gira em torno da necessidade de se ter um Rio de Janeiro “civilizado” para, então, ser possível se modernizar.

Na esteira de Bilac, outro entusiasta da modernização da cidade foi Figueiredo Pimentel. O cronista e polígrafo da Primeira República cria o slogan “O Rio civiliza-se”,

expressando de maneira notável a euforia que tomava conta da cidade, com os novos equipamentos urbanos, a grande avenida, as confeitarias e o *footing* das classes aburguesadas. Colaborador do Jornal *A gazeta de notícias*, com a coluna “Binóculo” (1906-1907), ele atuava na redação da Rua do Ouvidor e, nesse local, recolhia assuntos variados e amenidades para seu jornalismo, tendo sido considerado o precursor do colunismo mundano no Brasil. Esse mundanismo traduzia um sentimento geral de otimismo motivado pela crença de que se estava ingressando numa nova era de progresso e modernidade. Para enfatizar os melhoramentos urbanos, o mundanismo da crônica jornalística expressava padrões de elegância e refinamento, conforme afirma Brito Broca:

Para criar um quadro social adequado à modernização da cidade – e contribuir, talvez, para que esta fosse melhor aceita pelos refratários, o próprio Pereira Passos procurava incentivar os espetáculos mundanos. Assim, promove ele batalhas de flores no Campo de Santana, a exemplo do que se fazia nas capitais europeias. [...] Essa febre de mundanismo que o Rio começa a viver, reflete-se nas relações literárias. (BROCA, 1960, p. 4)

De acordo com Broca, tal mundanismo expressou muito bem a literatura “sorriso da sociedade”, ou seja, uma literatura destituída de reflexões mais profundas ou de questionamentos acerca da própria arte literária, já que eram textos entrelaçados à vida social das classes abastadas.

Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) obteve grande sucesso e reconhecimento a partir da coluna “Binóculo”, tendo popularizado o uso de palavras estrangeiras, tais como *smart*, *up to date*, *set*, *dernier bateau*, *toilettes*, *dèbut* e *footing*, dentre outras. Similar ao movimento de um binóculo, Figueiredo Pimentel iniciava boa parte de sua crônica cotidiana com expressões que denotavam o olhar, o ver e o ser visto: “Vimos ontem no salão...” ou “Foram vistos no Teatro...”. Esse se tornou o tempo por excelência do “smartismo” e da vida social elegante:

Hoje há matinés da moda nos cinematógrafos. Os melhores desses estabelecimentos procuram apresentar programma hors-lignes. E conseguem-no. O Parisiense tem sempre novidades. O Pathé é o Pathé e está nisso todo o seu elogio. O Rio Branco apresenta fitas faltantes admiráveis. O cinema Palace attrahe com as suas esplendidas fitas nacionais como essa extraordinária Mala Sinistra, que tem chamado milhões de espectadores. Vimos hontem mme Heloisa Saldanha da Gama, mme Chiquinha Chagas Liette, mme Elvira Sampaio, mme Joanna Mendonça Campos (na Sapataria Ao Rio Elegante) trajando lindíssima toilette de crepe chine avec bande cachemire[...]. (PIMENTEL, 1908. Binóculo. *Gazeta de notícias*. 20 de outubro de 1908, ano 34, n. 294, p. 2)

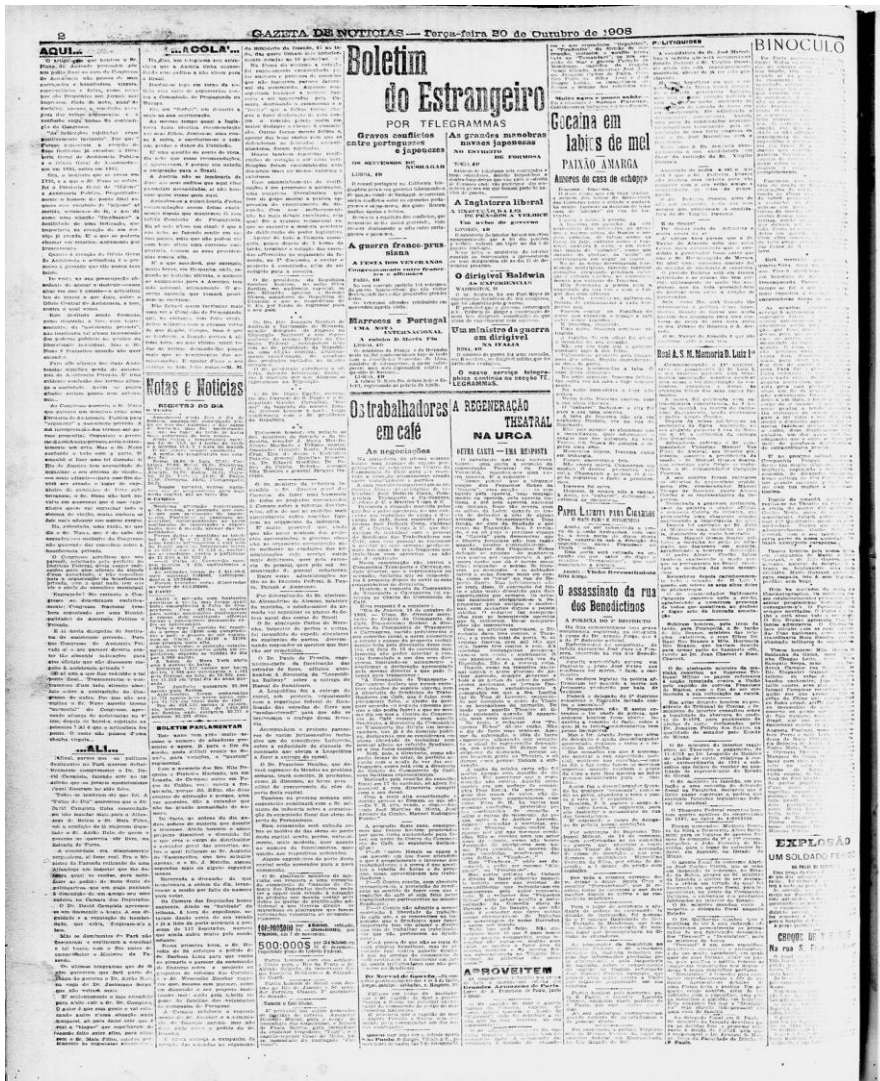


Figura 3. Gazeta de Notícias 20/10/1908

Assim, observa-se que tanto Olavo Bilac como Figueiredo Pimentel estiveram sintonizados com o espírito da grande imprensa, ou seja, em consonância com o correspondente francês. Flora Sussekind, ao abordar as condições de produção e difusão da literatura nos 1900, aponta o caráter hegemônico da imprensa do período, demonstrando que os literatos se apropriaram de seus recursos técnicos para inovar a escrita literária, embora o número de leitores fosse reduzido. (SUSSEKIND, 1985)

Embora o mundanismo tenha obtido sucesso, no reverso desse estilo estavam outros escritores, como Lima Barreto, o qual critica o jornalismo mundano e sua ênfase nas futilidades, fazendo referência à coluna de Figueiredo Pimentel, em sua crônica “Os nossos jornais”:

Demais não está aí só o emprego inútil que os nossos jornais fazem de um espaço precioso. Há mais ainda. Há os idiotas Binóculos. Longe de mim o pensamento de estender o adjetivo da seção aos autores. Sei bem que alguns deles não o são; mas a coisa é com plena intenção dos seus criadores. Não se compreende que um jornal de uma grande cidade esteja a ensinar às damas e aos cavalheiros como devem trazer as luvas, como devem cumprimentar e outras futilidades. De resto, esses binóculos gritando bem alto, elementares preceitos de civilidade, nos envergonham. (BARRETO, Lima. Os Nossos Jornais. *Gazeta da tarde*, 18 out. 1911. In: Vida Urbana, 1961, p.44.).

Assim, revelando os avessos do progresso, Lima Barreto esquadrinha o tecido esgarçado da cidade moderna, vasculhando seus avessos e o reverso de sua história, como é o caso da série de crônicas, escritas sob a forma de folhetim e intitulada “O subterrâneo do Morro do Castelo”, cuja história faz parte da memória da cidade, envolvendo um passado lendário em que se aborda o primeiro núcleo de fundação do Rio e a antiga sede de um convento jesuíta:

Os leitores hão de estar lembrados de que, há tempos, publicamos uma interessante série de artigos da lavra do nosso colaborador Léo Junius, subordinados ao título Os Subterrâneos do Rio de Janeiro. Neles vinham descritas conscienciosamente e com o carinho que sempre o autor dedicou aos assuntos arqueológicos as galerias subterrâneas, construídas há mais de dois séculos pelos padres jesuítas, com o fim de ocultar as fabulosas riquezas da comunidade, ameaçadas de confisco pelo braço férreo do Marquês de Pombal. Verdade ou lenda, caso é que este fato nos foi trazido pela tradição oral e com tanto mais visto de exatidão quanto nada de inverossímil nele se continha.

[...]

A hipótese, pois, de existirem no morro do Castelo, sob as fundações do vasto e velho convento dos jesuítas, objetos de alto valor artístico, em ouro e em prata, além de moedas sem conta e uma grande biblioteca, tomou vulto em breve, provocando o faro arqueológico dos revolvedores de ruínas e a auri sacra fames de alguns capitalistas, que chegaram mesmo a se organizar em companhia, com o fim de explorar a empoeirada e úmida colchida dos Jesuítas. Isto foi pelos tempos do Encilhamento. (BARRETO, *Correio da manhã*. 28 abr 1905, p.1.)

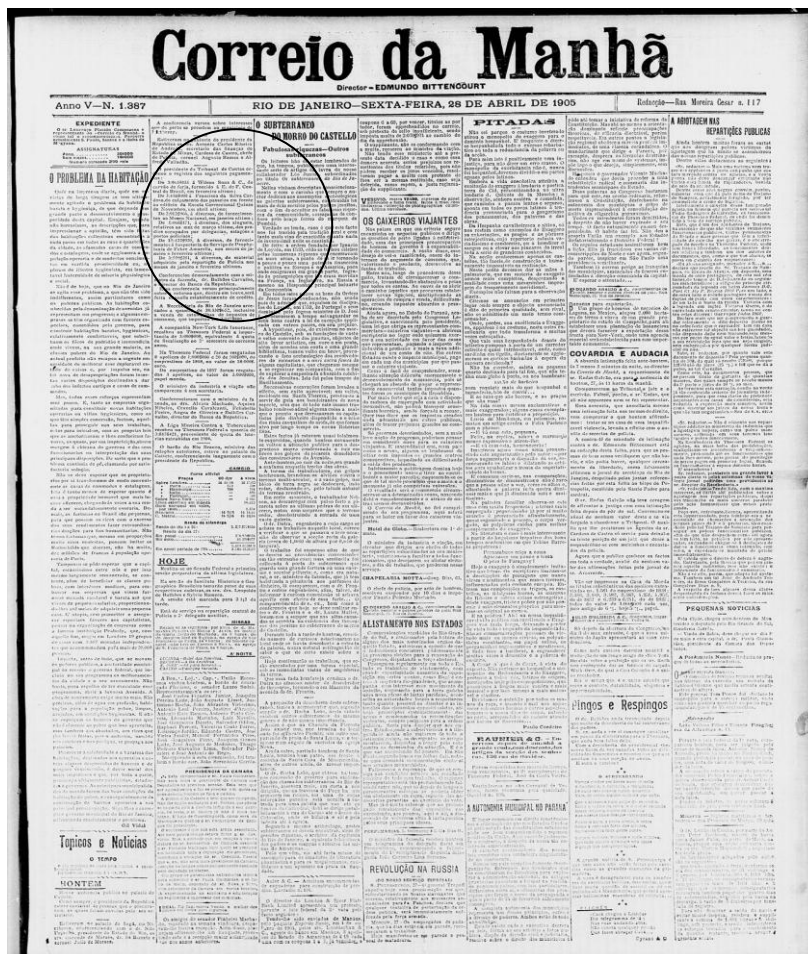


Figura 4 Correio da Manhã, 28/05/1905

Lima Barreto ilumina as histórias acerca do Morro do Castelo, por ocasião da implosão deste, dentro do contexto das reformas urbanas. Em substituição ao Morro do Castelo, abriu-se uma moderna avenida. Ao resgatar as histórias acerca do subterrâneo do Morro do Castelo, Barreto realiza um trabalho de arqueólogo da memória, justamente por colocar em contraposição a realidade das escavações para a implosão do Morro e as lendas de um distante passado da fundação da cidade:

A propósito da descoberta deste subterrâneo, temos a acrescentar que, segundo supõe o Dr. Rocha Leão, nesta cidade existem outros subterrâneos do mesmo gênero e de não menos importância.

Assim é que na Chácara da Floresta deve existir um, que termina no local onde foi o Theatro Phenix; um outro que, partindo da praia de Santa Luzia, vai terminar num ângulo da sacristia da Igreja Nova. Ainda outro, partindo também de Santa Luzia, termina num pátio, em frente à cozinha da Santa Casa de Misericórdia, além de outros ainda, de menor importância.

Ainda a propósito do subterrâneo do Castelo, convém notar que há mais de vinte anos o Barão de Drummond, que depois se tornou dono de uma fama

imorredoura pela genial descoberta do jogo do bicho, tentou a exploração do morro do Castelo, com o fim de retirar de lá os tesouros ocultos e promover por este modo o pagamento de dívida pública e... das Suas. Alegrem-se os que acreditam na existência de fabulosas riquezas na galeria do morro do Castelo.

Se o ouro ainda não refulgiu ao golpe explorador da picareta, um modesto som metálico já se fez ouvir, eriçando os cabelos dos novos bandeirantes e dando-lhes à espinha o frio solene das grandes ocasiões; som feio e inarmônico de ferro velho, contudo som animador que faz pregoar orquestrações de barras de ouro, cruzados do tempo do D. João VI, pedrarias policrômicas, raras baixelas de repastos régios, tudo isto desmoronando-se, rolando vertiginosamente como o cascalho humilde pelo talude escarpado da montanha predestinada. Por agora contentemo-nos com o ferro velho; ferro cujo passado destino, ao que se diz, honra pouco a doçura de costumes dos discípulos de Loiola, ferro em cuja superfície oxidada a Academia de Medicina ainda poderá achar resquícios do sangue dos cristãos-novos. Ainda bem que hoje em dia nem mais para os museus poderão servir as carcomidas correntes levantadas pelas mãos dos buscadores de ouro.

Entre os preciosos documentos pertencentes ao nosso precioso informante, e de cujo conteúdo temos transmitido aos leitores a parte de que ele não faz absoluto segredo, ressaltam algumas narrativas da época, sobre casos de que foram teatro os subterrâneos do morro do Castelo, narrativas estas que, pelo seu requintado sabor romântico, bem merecem a atenção do público carioca, atualmente absorvido em conhecer nos mínimos detalhes a história daquela época legendária. (BARRETO, *Correio da manhã*. 29 abr 1905, 10 mai 1905. p. 4, 5)

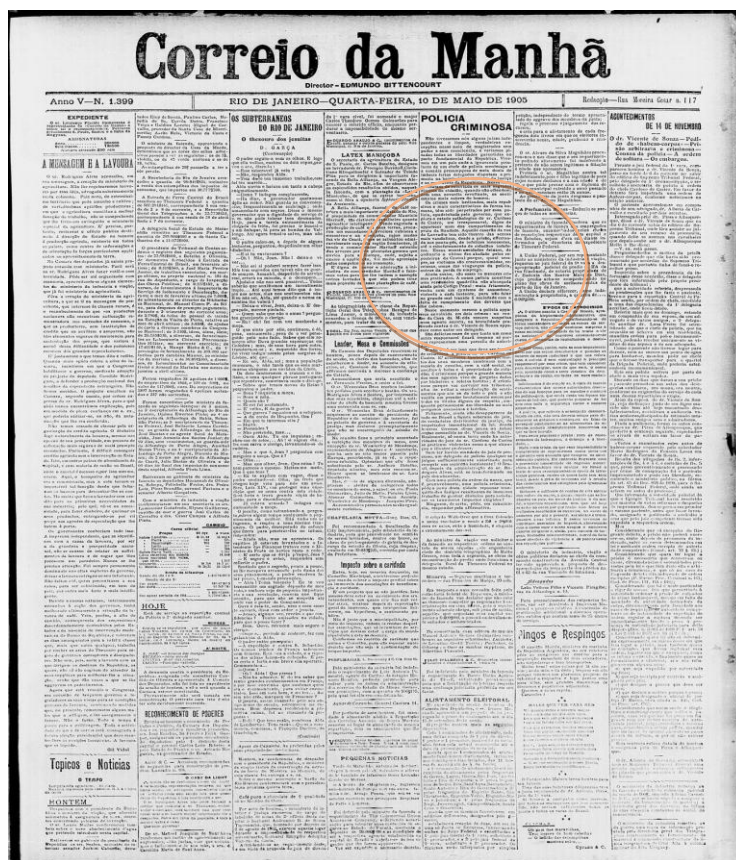


Figura 5.Correio da Manhã. 10/05/1905

Entre um passado distante e um presente de progresso e modernidade, Lima Barreto busca ler as origens e desvendar uma cartografia simbólica da cidade, por meio das histórias que a conformam e lhe dão uma memória lendária. E se o ouro não refulgiu, ficou a presença do ferro, ou seja, do sonho que é atravessado pelo presente e representado por um material bastante utilizado na construção e na remodelação das cidades.

O Morro do Castelo desapareceu da paisagem da cidade do Rio de Janeiro, permanecendo apenas na referência a um trecho do centro da cidade e nas narrativas que dão conta de uma memória subterrânea da urbe. A demolição do passado e sua rápida substituição são características da modernidade e, nesse rumo, foi edificado, no Rio de Janeiro, um palco para a encenação do poder e das decisões políticas da nascente República brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BARRETO, Lima. Os Nossos Jornais. *Gazeta da tarde*, 18/10/1911. In: _____. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BRAYNER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco*. Tradição e renovação da Literatura Brasileira, 1880-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1989.
- BROCA, Brito. *Teatro das letras*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1983.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil de 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ENGEL, Magali. Gouveia Os intelectuais, o nacional e o popular (Rio de Janeiro, 1890-1910). *História social*. Campinas, n. 11, p. 211-226, 1985.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1982.
- NASCIMENTO, L.M. A cidade moderna e o literato: o Rio de Janeiro do bota abaixo. *Duc in Altum*, Muriaé, v. 8, 2008. p. 45-52.
- NEEDEL, Jeffrey. *A Belle Époque tropical*. Sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NEVES, Margarida. de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995. p. 15-31.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da vacina*. Mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras*. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SODRÉ, Nelson. Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Periódicos consultados junto ao Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

- BARRETO, Lima. Subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da manhã*. 29/4/1905, 2-10/5/1905. p. 4, 5.
- BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de notícias*. 20 nov 1904, n. 325, p. 1.
- BILAC, Olavo. Crônica. *Revista Kosmos*, 20 nov 1904. p. 3.
- PIMENTEL, Figueiredo. Binóculo. *Gazeta de notícias*. 20 out 1908, ano 34, n. 294, p. 2.
- Vaccinação Obrigatória. *O Paiz*, 13 nov 1904.

Artigo recebido em março de 2015.
Artigo aceito em maio de 2015.